

A cosmovisão no Candomblé

The cosmos through the Candomblé's point of view

Pedro Antonio Pires Nogueira¹
pepires@compuland.com.br

Resumo

O presente artigo não tem a pretensão de esgotar o tema, mas introduzi-lo de maneira a estimular a pesquisa sobre outras maneiras de se entender o universo. Aqui, trazemos de forma sucinta a cosmovisão dos Iorubas através do candomblé - uma visão complexa, cheia de simbolismos e profundamente dialética.

Palavras-chave: Candomblé, cosmovisão, Ioruba, religião dos Orixás.

Abstract

This article does not pretend to be exhaustive, but to introduce the topic in order to stimulate research on other ways to understand the universe. Here, we present briefly the Yoruba worldview of Candomblé - a complex vision, full of symbolism and profoundly dialectical.

Keywords: Candomblé, worldview, Yoruba, Orisha's religion.

1. Introdução

De acordo com a mitologia Ioruba, no início dos tempos, não havia divisão entre o Orún, plano espiritual, "céu dos Orixás", e o Aiyê, plano material, mundo dos homens. O inter-relacionamento entre os homens e os Orixás, ancestrais divinos, era natural, não tinha impedimentos. Mas, por uma transgressão do homem, Olorun, a divindade suprema segundo os Iorubas, também chamado de Olodumare, separou o Orún do Aiyê com seu sopro divino, chamado ofurufu.

O contato entre os homens e os Orixás que antes era simples e fácil, estava interditado. Nenhum ser humano que fosse ao Orún, de lá sairia com vida. E nenhum dos Orixás poderia vir ao Aiyê em seu próprio corpo diáfano.

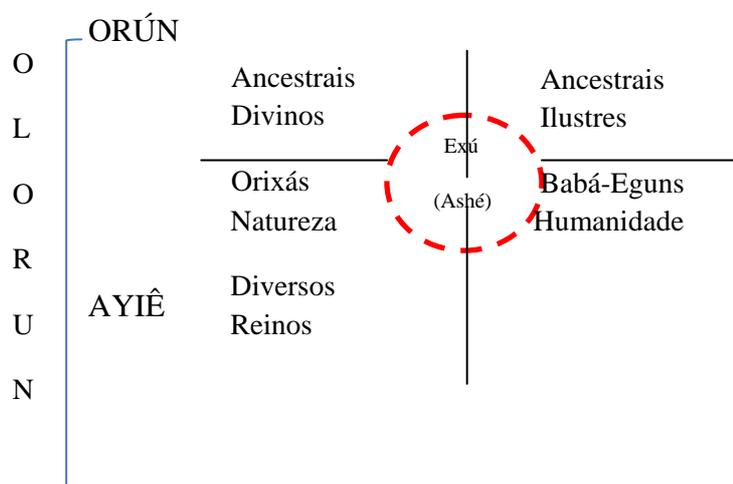
Entristecidos por não poderem estar com a humanidade, os Orixás foram ter com Olodumare e pedir sua compreensão. Olorun, senhor do Orún, resolveu que para que os Orixás pudessem voltar ao Aiyê, deveriam utilizar o corpo físico de seus devotos.

¹ Mestrando em Ciência da Religião na UFJF/PPCIR

E assim foi. Oxun, deusa de rara beleza e muitos encantos, foi convocada por Olorun para importante tarefa. Após realizar suas oferendas a Exú, senhor dos caminhos, solicitando seu auxílio, desce ao Aiyê a fim de preparar a humanidade para receber os Orixás em seus corpos. Ao final de todo um processo bastante complexo, as Iaôs, noivas dos Orixás, estavam preparadas e os Orixás poderiam retornar ao Aiyê e, desta forma, celebrarem, cantarem, dançarem com os simples mortais. Nas palavras de Reginaldo Prandi: “Estava inventado o Candomblé.” (Prandi, 2001, p. 528)

Neste artigo, nossa intenção é apresentar de forma sucinta a cosmovisão segundo a tradição do Candomblé, religião de matriz africana, baseada no culto aos Orixás. Para isso, utilizaremos da explanação de conceitos-chave, alguns mais conhecidos, ainda que superficialmente, e outros nem tanto.

Não temos a pretensão de esgotar o assunto, já que o mesmo é vasto e profundo, trazendo em seu bojo fundamentos de grande complexidade. Iniciemos, então, dividindo nosso campo de estudos em quatro espaços distintos, seguindo o esquema abaixo:²



A partir do resumo esquemático acima, é possível perceber duas ordens de realidade – Orún e Ayiê – e seu inter-relacionamento, mas sigamos adiante. Vejamos os principais conceitos-chave envolvidos.

2. Orún, Ayiê e Ashé

2.1 Orún

² Disponível em: <<http://www.ftu.edu.br/ftu/producoes-academicas/audio-visual/video-aulas/136-video-aula-2009-027.html>>. Acesso em: 05 abril 2012.

Segundo J. Elbein dos Santos, os Iorubas consideram que a existência acontece em dois planos simultaneamente. Um destes planos, o espaço sobrenatural vasto e ilimitado é chamado Orún. Nele, habitam todos os espíritos, nossos ancestrais divinos, os Orixás, e nossos ancestrais ilustres, que tiveram vida terrena, fizeram parte da humanidade, os Baba Eguns. Há que se entender, ainda, que “o Orún é um mundo paralelo ao mundo real que coexiste com todos os conteúdos deste.” (Dos Santos, 1986, p. 53- 54.)

Além desta coexistência, o ilimitado Orún tem sua equivalência no mundo físico, e o mundo físico tem sua correspondência no Orún. Os habitantes do Orún são chamados “Ara-Orún”. São todos os seres ou habitantes sobrenaturais deste espaço.

2.2Aiyê

O outro plano da existência é chamado Aiyê. Este é o plano onde habitam os seres humanos, onde existem os vegetais, os animais, os minerais, enfim, os aspectos materiais, físicos do universo. Os habitantes humanos do Aiyê, são chamados de “Ara-Aiyê” ou “Arayê”.

Orún e Aiyê mantêm um relacionamento sem solução de continuidade e, por isso mesmo, devem estar em harmonia para a perpetuação da própria existência.

Não se trata, porém, de um relacionamento entre iguais. Ao Orún cabe a responsabilidade sobre o Aiyê, que é governado a partir de lá. O nível espiritual rege tanto o nível material da existência em geral, como o nível individual da existência. O que caracteriza este relacionamento é a troca, o dar e o receber. Um eterno dar e receber, oferta e restituição, é que vivifica este relacionamento e ele é o responsável último pela permanência do universo. (Berkenbrock, 2007, p. 182)

Para os Iorubas, Olorun, o ser supremo, concentra em si todo o propósito e o poder de realização, mas não interfere diretamente no mundo físico. Delega aos Orixás, ancestrais divinos, o domínio sobre todo o Aiyê, sobre todas as forças da natureza.(Cf., Dos Santos, 1986; p. 40)

A ele, Olorun, não é realizado nenhum culto especial, não é dedicado qualquer Templo ou Terreiro e nem mesmo possui sacerdotes a si dedicados. É costume na tradição do Candomblé dizer que Olorun é cultuado no templo interior de cada filho.

2.3 Ashé

De acordo com a tradição do Candomblé, cada Orixá manifesta seu poder volitivo nos diversos reinos da natureza: animal, vegetal, mineral e hominal. Este poder volitivo é conhecido como Ashé – princípio dinâmico e poder de realização, força que promove a movimentação e o desenvolvimento de todo o universo.

Como força, o Ashé pode ser transmitido, fixado, aumentado ou diminuído. Mas esta dinâmica do Ashé não se dá espontaneamente. São necessários rituais próprios e específicos para que esta movimentação aconteça.

Cada Ilê ou Terreiro tem seu Ashé que é advindo dos seus ancestrais divinos e dos seus ancestrais ilustres e é ritualisticamente alimentado e fortalecido, não só pelas oferendas e preceitos, mas também pela conduta iniciática de seus membros. Segundo J. Elbein dos Santos: “O conhecimento e o desenvolvimento iniciático estão em função da absorção e da elaboração de àse.” (Dos Santos, 1986; p. 40). Continuando com suas palavras: A força do àse é contida e transmitida através de certos elementos materiais, de certas substâncias. O àse contido e transferido por estas substâncias aos seres e objetos mantém e renova neles o poder de realização. (Dos Santos, 1986; p. 40)

Presente em todos os reinos da natureza através de seus elementos representativos, o Ashé pode ser agrupado em três categorias distintas, a saber: vermelho, branco e preto.

2.3.1 “sangue” ou Ashé vermelho que está contido nos elementos de cor vermelha, amarela, marrom avermelhado, etc.

No reino animal, podemos encontrar alguns exemplos como o sangue e o mel de abelhas. No reino vegetal, o azeite de dendê é o exemplo mais característico de Ashé vermelho. E no reino mineral, podemos encontrá-lo no ouro e no cobre.

2.3.2 “sangue” ou Ashé branco que está contido nos elementos de cor branca ou mesmo incolor.

No reino animal, são alguns de seus exemplos o sêmen e a saliva. No reino vegetal, a seiva de alguns vegetais. E no reino mineral, tanto o chumbo como a prata podem ser considerados portadores do Ashé branco.

2.3.3 “sangue” ou Ashé preto que está contido nos elementos de cor escura: azul, verde, preto, cinza, etc.

No reino animal, as penas, os pelos e os chifres pretos ou de cor escura representam o Ashé preto. No reino vegetal, o sumo de ervas e o carvão. E no reino mineral, temos o ferro, o carvão mineral e o azeviche como exemplos.

3. Iwá, Ashé e Abá

Ainda é possível entender a formação do universo através de três princípios ou forças dele constituintes.

Como citado anteriormente, de acordo com a tradição do Candomblé, Olorun/Olodumare concentra em si todos os desígnios e o poder de realizá-los. Possibilita a existência e seu movimento ordenado e objetivo. Ele, Olorun, é chamado “Ala Àba L’ Àché, O Supremo Guardião dos Poderes da Existência, da Realização e da Essência de tudo aquilo que foi, é e será.” (Costa, 1995, p. 45)

Esses três princípios ou forças constituintes são: Iwá, Ashé e Abá

3.1 Iwà

Iwá é o princípio que propicia a existência em si mesma. Tem ligação direta com os Orixás masculinos, considerados os senhores do poder gerador masculino. Este princípio pode ser expresso materialmente pela cor branca.

3.2 Abá

Abá é o princípio indutor da direção e do objetivo preciso; é a essência. Está afeto aos Orixás femininos, tidas como senhoras do poder gestante feminino. Esta força constituinte pode ser manifesta materialmente pela cor preta.

3.3 Ashé

Ashé é o princípio dinâmico e o poder de realização. Está ligado aos demais Orixás. Gerado a partir da relação entre os Orixás masculinos e os Orixás femininos, é o poder de realização em si. É expresso materialmente pela cor vermelha, ou pelas combinações das três cores em quantidades variáveis.

De acordo com a tradição Ioruba, somente a partir da interação destes três princípios ou forças constituintes é possível existir o nosso universo em toda sua magnitude e diversidade. (Costa, 1995, p. 44-46)

4. O Igbá Odú, a cabaça ritual

Na tradição Ioruba, os Orixás masculinos são denominados Irunmolê e os Orixás femininos são as Igbámolê. O termo Orixá acabou por se generalizar a todos aqui no Brasil, designando tanto Orixás masculinos como Orixás femininos indistintamente. (Costa, 1995, p. 46)

Segundo a tradição Ioruba, o principal Orixá do poder gerador masculino é Obatalá, o senhor da veste branca, que, depois de muitas adaptações e modificações, ficou conhecido como Oxalá. A principal Orixá do poder gestante feminino é conhecida como Odùdua, a grande mãe, Orixá pouco lembrada no Brasil.

A representação deste casal divino Oxalá/Odùdua é a cabaça ritual, também chamada de Igbádú ou Igbá Odú. Espécie de cumbuca formada por duas metades iguais entre si e que se encaixam. Suas duas metades juntas representam a relação harmônica entre o Orún e o Aiyê. Sua parte superior está associada ao universo criador, ao princípio gerador masculino – Oxalá. Sua parte inferior está associada ao universo criado, ao princípio gestante feminino – Odùdua.



³ Igbadú

No interior desta cabaça ritual, encontram-se elementos materiais representativos dos três princípios ou forças constituintes da existência: Iwà, Abá e Ashé, “sangues” branco, preto e vermelho, ou seja, a representação do próprio universo em si em perfeita harmonia.

5. Exú: transportador do Ashé e senhor dos caminhos

De acordo com Pierre Verger, Exú é um Orixá difícil de ser definido por suas características bastante controversas (Verger, 2002, p. 76). De acordo com a tradição

³ Disponível em: <<http://yorubaonline.com>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

Ioruba, Exú possui uma personalidade inquieta, é astuto, muitas vezes grosseiro e indecente, vaidoso e irascível. Faz a intermediação entre o Orún e o Aiyê, desempenhando a função de mensageiro entre os homens e os deuses, guardião de templos e de casas, das cidades e das pessoas.

Criado por Olorun é o símbolo do elemento procriado. Usando as palavras de J. Elbein dos Santos:

O ar e as águas moveram-se conjuntamente e uma parte deles mesmos transformou-se em lama. Dessa lama originou-se uma bolha ou montículo, primeira matéria dotada de forma, um rochedo avermelhado e lamacento. Olorun admirou esta forma e soprou sobre o montículo, insuflando-lhe seu hálito e dando-lhe vida... era Exú... o primeiro nascido da existência e, como tal, o símbolo por excelência de elemento procriado. (Dos Santos, 1986, p. 59)

Ainda segundo J.Elbein dos Santos, Exú é oprimogênito do universo. (Dos Santos, 1986, p. 59)

Além de relacionar-se intimamente com todos os Orixás masculinos e femininos, ele mesmo é um elemento constitutivo de todas as realidades, responsável pelo processo de existência individualizada. Orixá e Exú formam uma unidade indissociável, podendo-se dizer que Exú é o executor das funções e determinações dos Orixás.⁴

Por ser o elemento propiciador e dinamizador de toda a existência, na ritualística do Candomblé, ele é o primeiro a ser reverenciado e servido. O poder de Exú se estende sobre tudo aquilo que existe, resolvendo situações conflitantes com sua astúcia e inteligência, promovendo o crescimento e o desenvolvimento com seu poder dinamizador, abrindo os caminhos e trazendo prosperidade.

Exú é o transportador do Axé e a esta função se deve o fato de ser ele uma figura central no Candomblé. Todas as atividades religiosas no Candomblé têm no fundo sempre o mesmo objetivo de proporcionar a troca de Axé e com isso possibilitar uma maior harmonia. E esta troca só acontece por causa de Exú, que é o mensageiro, o mediador entre ambos os lados. (Berkenbrock, 2007, p. 182)

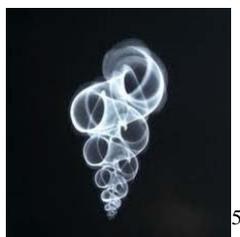
Por sua qualidade de elemento de ligação entre o Orún e o Aiyê, ele também é chamado de senhor dos caminhos,

⁴ “É um princípio e, como o asè que ele representa e transporta, participa forçosamente de tudo o que existe, sem ele todos os elementos do sistema e seu devir ficariam imobilizados, a vida não se desenvolveria...” (Dos Santos, 1986, p. 131).

...e ele pode abri-los ou fechá-los segundo o contexto ou as circunstâncias... Ele é o controlador dos *òna burúkú*, os caminhos que são condutores dos elementos malignos, e dos *òna rere*, condutores das boas coisas, tanto no *òrun* como no *àyé*. (Dos Santos, 1986, p. 169)

Seu símbolo mais característico é o Okotô, espécie de caracol de forma cônica e espiralada. Sua forma representa “a história ossificada do desenvolvimento do caracol e reflete a regra segundo a qual se deu seu processo de crescimento”. (Dos Santos, 1986, p. 133) Partindo de um ponto, abre-se ao infinito.

Estrutura do movimento em espiral dos caramujos:



Exú é o mais “um”, reforçando o conceito de seu princípio dinâmico, a continuidade, o ir além.

Existem outros símbolos bastante comuns e representativos de Exú e de seu poder de realização, tais como o Ado-Iran que é uma espécie de cabaça de pescoço longo e o Ogó, um bastão ritualístico em forma de falo que demonstra seu aspecto dinamizador e fecundante da existência.



Ado-Iran⁶



Ogó⁷

6. Conclusão

⁵ Disponível em: <<http://aidobonsai.com/2009/09/06/a-harmonia-da-solidao>>. Acesso em: XXXXX

⁶ Disponível em: <<http://lilliverdi.blogspot.com>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

⁷ Disponível em: <<http://casadeogunlojaonline.com>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

A partir dos conceitos-chave estudados, percebemos a profunda complexidade da cosmovisão na tradição Ioruba do Candomblé.

Uma sinergia intensa entre todos os elementos deste sistema dialético e em constante atualização. Movimento incessante. Vida que se renova ritualisticamente. A tradição passada de forma oral em cada mito. A criação do universo celebrada em cada rito.

Como agente propulsor de todo este sistema, Exú representa a própria Criação em seus princípios; partindo da proto-matéria que é dinamizada, passa por um processo de individualização e se abre a novas possibilidades num eterno *vir-a-ser*.

Assim, renovando-se, recriando-se, reinterpretando-se a tradição do Candomblé revive o momento primeiro da criação, propiciando que a humanidade, representada na comunidade templária, também se renove e se atualize, encontrando em seus fundamentos, o sagrado imanente em todo o cosmos.

Referências bibliográficas:

AUGRAS, Monique. *O Duplo e a Metamorfose – A Identidade Mítica em Comunidades Nagô*. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

BERKENBROCK, Volney J. *A Experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

COSTA, Ivan H. Ifá – *O Orixá do Destino*. 1ª ed. São Paulo, SP: Ícone, 1995.

DOS SANTOS, Juana Elbein. *Os Nagô e a Morte: Pàde, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia*. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2001.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. 6ª ed. Salvador, BA: Corrupio, 2002.

Vídeo-Aula nº 027. Disponível em: <<http://www.ftu.edu.br/ftu/producoes-academicas/audio-visual/video-aulas/136-video-aula-2009-027.html>>. Acesso em: 05 abril 2012.